

As respostas frontais de José Cardoso Pires

Na página 7, o escritor José Cardoso Pires responde a perguntas... É a primeira de uma série de entrevistas que o «DN» publicará, quinzenalmente, com escritores portugueses, procurando ir mais longe, mais além do que em geral o público da vida e da obra dos nossos ficcionistas. É um intento de desvendar uma personalidade, na convicção de que o conhecimento desta sempre contribui para a melhor compreensão da obra literária. Um diálogo vivo, por vezes indiscreto, quase sempre polémico, é a aposta que fez o nosso jornal nestes encontros com alguns dos nossos principais autores. A primeira, que hoje se publica, é um bom exemplo desse diálogo.

A perguntas frontais, José Cardoso Pires dá resposta não menos frontais, que em certa medida se podem considerar corajosas, já que comportam uma revelação pública de hábitos, comportamentos e tendências, numa confissão muito pouco usual no comportamento convencional da maioria dos nossos escritores. Assim, ao

longo de um texto que resume uma conversa de mais de cinco horas entre José Cardoso Pires e Mário Ventura, são-nos reveladas, com a mesma emotividade que caracteriza muitas das páginas do escritor, as experiências dramáticas que mais marcaram a sua personalidade, as suas reacções em face da vida e da morte, o surgimento da sua vocação de escritor, algumas dúvidas e perplexidades, etc. Da mesma forma, as suas opiniões sobre a literatura, o público e os críticos, opiniões quase sempre polémicas e controversas, são apresentadas à opinião pública com uma clareza meridiana que, sem dúvida, despertará nos leitores um redobrado interesse pela obra do autor de «O Hóspede de Job» e o «O Delfim».

A entrevista que o «DN» hoje publica, além de ser um texto apaixonante, aparece também como um documento que, a partir de agora, será de indispensável consulta para quem pretenda conhecer a personalidade de José Cardoso Pires.

Encontros com a Escrita

José Cardoso Pires: "Escrever é uma meditação e uma descoberta de mim próprio"

Na primeira de uma série de entrevistas com escritores portugueses, José Cardoso Pires, autor de "O Hóspede de Job" e "O Delfim", fala da aventura da escrita, dos malefícios da censura, e revela múltiplos aspectos da sua personalidade

Perfil Ventura

À observação menos atenta... a realidade nem sempre é o que parece. José Cardoso Pires surge como um ser verbalmente duro, quase seco, sobretudo quando fala de temas que constituem alimento de ressentimentos...

A censura e as pressões censoriais são o barómetro mais sensível do ambiente colectivo. São muitas vezes inócuos subtis mas proféticos das catástrofes que se perfilam no horizonte porque a censura é a primeira resposta à miséria e o pretexto clássico contra o poder civil.

É por isso que todos os sinais de proibição ou de manipulação têm de ser tomados como avisos de tendência e como manifestações de um percurso global que envolve tudo e todos. Não foi com este sublinhado, é evidente, que o Presidente da República se referiu no discurso de posse à liberdade de informação. Mas a chamada do general Eanes vale como um aviso contra as fáceis tentativas de regresso a fórmulas antigas de equilíbrio.

Simplesmente, a informação não é tudo. A coacção, ao livro e ao autor fazem-se desde logo no ensino quando se recita ao estudante o escritor desta hora e desta paisagem em que vivemos e estudamos. Talvez se procure regressar a uma literatura de covéis, é possível. Uma literatura onde os vivos são sepultados sob o peso de cadáveres históricos. De qualquer maneira não é assim que se ensina a literatura portuguesa nas universidades estrangeiras. Não se fazem cursos à luz da caveira, como S. Jerónimo; e os nossos eruditos pedagógicos sabem que esse princípio é nefasto e obsoleto. Mas sabem porque o praticam.

Da mesma maneira que sabem, com o maior rigor, que muitos dos nossos autores de hoje são aqueles que interessam predominantemente aos leitores estrangeiros e que por isso se encontram traduzidos e, nalguns casos, até, publicados em editoras da maior reputação internacional. Há outras maneiras de ocultar o escritor; ou de o afastar do público, dá no mesmo. Os programas enfiados e sem dinamismo, a escolha de horários de baixa audiência, tudo isso... Aqui valoriza-se outra vez o que é essencial. Qualquer figura de segunda ordem tem páginas inteiras, porque vem do estrangeiro. Não se faz por provincialismo, mas por maldade, para amesquinhar a da casa. A censura faz-se à custa da eliminação dos escritores vivos, que não beneficiam de coisa nenhuma e nem sequer têm



Será o escritor o «leitor-ideal» de si próprio?...



«Eu penso que todos os escritores são comprometidos» «O escritor pretende acima de tudo a abóboda final, a perfeição»



«Levantem-se os mortos e enterrem-se os vivos»

profissão, embora paguem imposto profissional. Neste momento os escritores dão dinheiro ao País, e o que é que o País dá aos escritores? Nada! E as coisas não se vão recompor, porque sempre que há uma crise económica, a primeira vítima é a cultura.

MV — As tuas fúrias verbais faz pensar em ódio. Odeias alguém?

JCP — Eu digo uma coisa que as pessoas que me conhecem não acreditam muito: convencimento de que isso é também um tipo de timidez como outro qualquer. Primeiro, não sei se tenho uma linguagem violenta. Segundo, se, a tenho, estou convencido que é uma forma de timidez.

MV — És um escritor que trabalha pouco ou que, trabalhando muito, produz pouco?

JCP — Eu trabalho muito e produzo pouco. Trabalho muito porque, como as vezes digo, penso bastante com o bico do aparelho. Preciso de uma grande anarquia para escrever, e a anarquia requer tempo. Ou desperdiça-o... Tomo poucas notas, pelo menos em ficção, porque o que é bom e importante é sempre levantado pela memória. Aquilo que ela despreza não tem o peso específico que nós julgávamos ter.

MV — Ainda sentes curiosidade pelas pessoas?

JCP — Cada vez mais.

MV — Que pessoas?

JCP — Isto é muito difícil de responder. Se eu não sentisse curiosidade pelas pessoas, saberia dizer quais eram.

MV — O que significam para ti o convívio e a amizade?

JCP — A amizade é uma coisa muito complexa... É ser amigo de alguém, na minha opinião, quando se cria uma exigência em relação a essa pessoa extremamente utópica. Isto é: quando se pretende que essa pessoa seja o próprio em melhor. Eu sou amigo de alguém, exigindo dele coisas que não sou capaz de fazer. Não sei se estou a ser claro...

MV — Coisas que não és capaz de fazer para com elas?

JCP — Não tenho a consciência disso, encaro a amizade como uma relação limite. Um amigo, para mim, é um complemento meu, nas qualidades que não tenho, e na superação dos defeitos que reconheço. Digamos que é um espelho a um nível superior. Vê-se no amigo a personificação de uma série de frustrações pessoais, e ao mesmo tempo uma necessidade da companhia e confiança,

passa entre duas pessoas que se amam... Se quiseres uma definição do amor...

MV — Não, eu não quero uma definição do amor. Quero saber o que ele representa para ti?

JCP — É outro limite de compensação, mas é fundamentalmente materializado em emoções e sentimentos, em descargas emotivas, porque, quando não há descarga emotiva, deixa de haver amor. Daí ser o amor, também, uma forma de agressão.

MV — A favor e contra alguém?

JCP — A favor e contra, sim, às vezes até contra o próprio.

MV — Isso é um pouco vago, não?

JCP — Por exemplo, o amor não se faz sem destruição, duas pessoas que se amam destroem-se, e o sistema destrói-se. E da destruição mista que vem a aquisição de uma experiência. Até ao nível celular, se quisermos.

(Pode sempre adivinhar-se — ainda que se erre — quando um tema incomoda, ou parece incomodar, aquele a quem mano. O escritor é uma

pessoa e não um mito. A impecabilidade fic-lhe mal e distancia-o. As fraquezas colocam-no ao nível daqueles que o leem.)

MV — Quais foram as experiências mais decisivas da tua vida?

JCP — A morte do meu irmão, por exemplo, que era um homem antimilitarista e morreu queimado dentro de um avião militar. Tudo o que se passou à volta dessa morte chocou-me profundamente e levou-me a escrever o livro que lhe dediquei. O Hóspede de Job. Deve ter sido a primeira experiência violenta que imediatamente me tocou literariamente, ao ponto de ter de escrever alguma coisa.

MV — Mas não a história de teu irmão.

JCP — Não. Eu quis escrever um livro que fosse o reflexo indirecto do que se passara. Era realmente uma coisa mais universal sobre o significado de um país armado para coisa nenhuma.

MV — Vives exclusivamente da literatura?

JCP — Como se sabe, vivo.

MV — E vives bem?

JCP — Pago impostos...

Levantem-se os mortos e enterrem-se os vivos

MV — Vamos a outra questão: parece que as mudanças havidas em Portugal, após o 25 de Abril, ao contrário do que esperávamos, não se reflectiram numa maior repercussão da literatura portuguesa além-fronteiras. Como explicaria isso?

JCP — O que o estrangeiro pretende saber de uma literatura é o que se passa num dado país em dado momento. Mas as máquinas conservadoras da cultura procuram eliminar o testemunho actual, porque lhes diz respeito e as envolve. E daí a procura dos escritores mortos. Levantem-se os mortos e enterrem-se os vivos. Portanto, marginalizar o escritor actual, vivo, aquele que fala do seu tempo.

MV — Falamos do escritor comprometido?

JCP — Podemos falar. Eu penso que todos os escritores são comprometidos.

MV — Hoje toda a gente parece muito interessada em distanciar-se do neo-realismo. Terá sido o neo-realismo uma chaga literária?...

JCP — Todos nós sabemos a importância do neo-realismo. Como todas as grandes correntes, teve partidários que não o abonaram, por qualidade, por exagero, por demagogia, mas todos os movimentos têm esse lado negativo. Simplesmente, o que houve foi uma resposta conservadora da reacção, que se serviu justamente dos deuses do neo-realismo para definir como tal. E aí, o oportunismo anticomunista explo-

rou até à saciedade esses lados negativos. Mas o neo-realismo era uma corrente, e como tal permanece. Extremamente aberto, e tão rico e diferenciado, que dele saíram escritores fundamentais na história da literatura.

MV — Mais rico que a «Pre-sença»?

JCP — Na ficção, sim, mas de longe.

MV — Falamos da tua paternidade literária, se é que a reconheces em alguém.

JCP — Bom, eu fui sempre mais virado para a formação anglo-saxónica. E quando apareci, estava mais tocado pelos americanos, do que propriamente pelos franceses ou pelos brasileiros, que faziam uma literatura com substrato poético muito profundo. Isso tocou os escritores portugueses, e inclusive o Redol foi um deles. Eu fui particularmente influenciado pelos norte-americanos, e sobretudo pelo Hemingway. E foi muito salutar, porque o Hemingway ensinou-me uma certa economia, principalmente no diálogo.

MV — E as tuas ligações ao surrealismo?

JCP — Foram episódicas, nem sequer cheguei alguma vez a ser surrealista. O que aconteceu é que eu, na minha geração, que era a do O'Neill, Cesarini, Vespela, protestava contra um certo neo-realismo demagógico. Eles encaminha-



«Eu sou amigo de alguém, exigindo dele coisas que sei que não sou capaz de fazer»

José Cardoso Pires:

- É muito difícil encontrar um escritor totalmente identificado com o Poder
- É extremamente contraditório planificar uma social-democracia em terreno pobre
- O desgaste que a PIDE praticou não se resume às mortes nem às torturas do seu exercício. Deve-se também ao estado de coacção que implantou no País, ao clima de terror que lhe facilitou complicitades e a tornou supranatural. Tão supranatural que, pelos vistos, não existia, como nos querem fazer crer
- A censura e as pressões censoriais são o barómetro mais sensível do ambiente colectivo



«Porque é que eu escrevo?... Bom, porque me dá felicidade, primeiro que tudo»

ram-se para o surrealismo e eu não.

(O tema da censura é caro a José Cardoso Pires. O que não surpreende, se recordarmos o seu ensaio «Técnica do Golpe de Censura», de 1972, que conheceu uma grande difusão no estrangeiro. Publicaram-no a revista Index, na Inglaterra, Esprit, em França, Cuadernos para el Diálogo, em Espanha, e Die Zeit na Alemanha. Mais recentemente, foi incluído no livro E agora, José?)

MV — Em teu entender, é possível o equilíbrio entre a liberdade do escritor e as pressões diversas do meio em que vive?

JCP — Depois do 25 de Abril, alguma coisa se passou em Portugal, que foi o facto de a liberdade do escritor ter vindo à tona. A certa altura houve uma fase, aqui há dois anos, em que se estava a procurar definir as relações do escritor com o Poder. Hoje, elas estão a voltar ao antigo. O Poder mostra-se cada vez mais supersticioso e conservantista em relação à literatura. Estamos outra vez a aproximarmo-nos da cultura fóssil. E daí nós estamos já a assistir a sintomas do passado. Tivemos na nossa história um homem que está aí, vivo, Paulo Rodrigues, inquisidor-mor de censura salazarista, que uma vez, no Brasil, ao perguntarem-lhe se era verdade que os escritores portugueses eram todos da oposição ao regime respondeu que sim, mas que o regime passava muito bem sem eles. E não há dúvida de que o regime passa muito bem sem os escritores. Os escritores são sempre uma espécie de tolerados, de animais marginais, que servem para dourar a festa quando é preciso, e mais nada.

Depois, eu já estou farto de ouvir dizer que nós comemos selvajarias, que de facto se cometeram, depois do 25 de Abril, etc. Mas a verdade é que a esquerda venceu a direita, mas nunca esteve no Poder. A esquerda nunca teve de facto o Poder. E ainda hoje a direita não está como gostaria de estar. Porque não tenhamos dúvidas: uma social-democracia não terá o mesmo programa que uma direita em Portugal. Porque por mais social-democrata que uma direita se diga em Portugal, é constrangida, por razões económicas, por dificuldades internas económicas, a não assumir plenamente o comportamento clássico de uma social-democracia. Porque tem pressões de ordem económica, que a obrigam a voltar a compromissos antiquados. Portanto, uma social-democracia muito bem intencionada, neste momento, em Portugal, é forçada a renegar a própria social-democracia no seu comportamento.

Não há escritores do Estado, não pode haver

MV — Qual será, para ti, a função social do escritor?

JCP — O escritor pretende acima de tudo a abóboda final, a perfeição. E, enquanto não se alcançar a perfeição, há temas de literatura.

MV — Isso significa, então, que se deve manter afastado da res política?

JCP — Não, pelo contrário. O que quero dizer é que é muito difícil encontrar um escritor totalmente identificado com o Poder. Não há escritores do Estado, não pode haver...

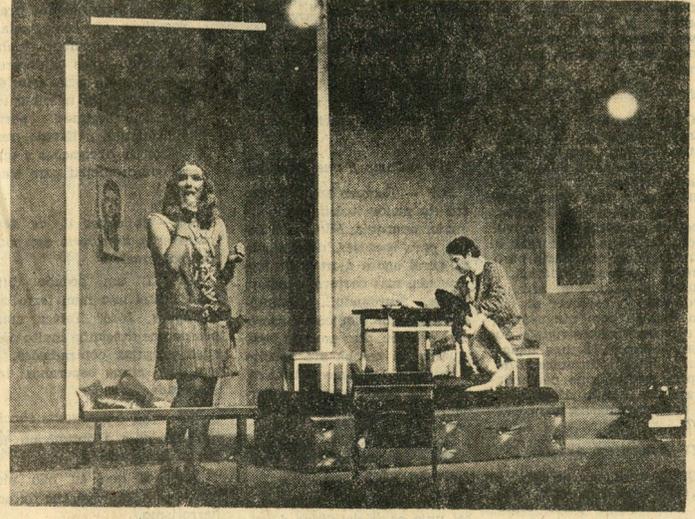
MV — Em parte nenhuma?

JCP — Se é um verdadeiro escritor, não. Um escritor, só se identifica com o Estado em momentos extremamente conturbados e de revolução. E

(Continua na 8.ª página)

«Corpo-Delito na Sala dos Espelhos»

«Corpo-delito na Sala dos Espelhos», a obra mais recente de José Cardoso Pires, acaba de ser publicada em livro, depois de ter estado em cena durante meses. É um insulto à Justiça e a todos nós, uma provocação indigna às instituições e uma humilhação da razão histórica. Da mesma maneira, quando um general do após 25 de Abril se apressa a vir à televisão (como uma personagem da minha peça) para pregar a tolerância para com a Pide, argumentando que «todos nós temos as mãos sujas de sangue», quando, assim, se calunia um povo para proteger os seus algozes, não há dúvida que estamos perante uma violência das consciências e da razão comum. Finalmente, quando se permitiu que um pido fosse a enterrar com honras de bandeira nacional (ele que se autodenominava simples funcionário público), não há dúvida de que é o símbolo do povo que é aqui humilhado. O desgaste que a Pide praticou não se resume às mortes nem às torturas do seu exercício. Deve-se também ao estado de coacção que implantou no país, ao clima de terror que lhe facilitou complicitades e a tornou supranatural. Tão supranatural que pelos vistos não existia, como nos querem fazer crer.



Uma cena de «O Corpo-Delito na Sala dos Espelhos»

JCP — A peça é isso que tu dizes, mas é, fundamentalmente, a descrição de uma comunidade em que o medo destruiu a lei e se fez poder. O medo era uma moeda de tal maneira forte, que actuava por via burocrática e por todos os meios, e que obrigava a colectividade a uma máscara permanente. Tudo era adulterado, imposto, inclusivé as relações sentimentais, por esse clima.

MV — E o que é que pretendes transmitir na peça?

JCP — Um aviso. Um aviso e também uma memória, visto que um país tão brutalizado por uma polícia como esta, sabe que ela não foi condenada, mas apenas apeada. Pior ainda: tolerantemente arquivada. Quando o director dessa organização se apresentou há tempos em julgamento, fardado de oficial do Exército, há todo um passado que o acusa que vem ali a tribunal protegido pelo uniforme. Isto

Escrevo para o chamado leitor ideal

MV — E porque é que escribes?

JCP — Porque é que eu escrevo?... Bom, porque me dá felicidade, primeiro que tudo. Escrever é uma meditação e uma descoberta de mim próprio. Penso muito pouco no público...

MV — Então para quem escribes?

JCP — Fundamentalmente escrevo para uma entidade limite. Para o chamado leitor ideal, se quiseres.

MV — Que não existe...

JCP — Que não existe, que sou eu.

MV — Ou seja, não escribes para ninguém...

JCP — Não. Eu penso que neste diálogo com o leitor ideal, que é a escrita, vou encontrando identificações sucessivas com várias pessoas e situações desse percurso.

(Uma atitude de ideal, ou apenas o gosto pelas situações-limite? Ao longo de toda a conversa, aliás, esta atracção pelos extremos, reflexo provável de uma permanente procura, está presente. Mas há interrogações que ficam: será que o escritor consegue impedir-se de pensar no público? Ou será o escritor o «leitor-ideal» de si próprio?)

MV — Gostavas de ser académico?

JCP — Não, detestava.

MV — Porquê?

Entrevista com José Cardoso Pires

(Continuado da 7.ª página)
tica. Do ponto de vista criativo e da sua função, ele ultrapassa-a. Não se pode esquecer um caso concreto. O Hemingway, quando escreveu «Por Quem os Sinos Dobram», foi acusado de atitudes anarquistas, porque atacava uma série de figuras políticas de esquerda, das Brigadas Internacionais. Acabou por se verificar que justamente as pessoas que ele criticava, foram condenadas pela História.

MV — Há uns anos dizias-me que vivíamos numa sociedade à espera. E hoje?

JCP — A nossa sociedade, neste momento, tem consciência de uma profunda contradição que procura amortecer. Por um lado temos a consciência de que somos um país de fraco potencial económico, mas continuamos a pensar em termos e com propostas de nações ricas.

Isto é: falamos do Mercado Comum, por exemplo, como se a CEE fosse uma etapa que tivéssemos de conquistar, como um objectivo muito importante, e esquecemos que o Mercado Comum só nos aceitará se alguém ganhar com isso. E esse alguém não somos nós. Só lá entraremos, com a economia, a agricultura e os minérios que temos, se isso interessar a alguém. Mas cultural-

mente, tudo parte desta verdade: miséria e liberdade são antagonistas. Não há liberdade com miséria. Por isso, é extraordinariamente contraditório planificar uma social-democracia em terreno pobre, e com os acessos individuais e culturais de uma sociedade de consumo. De resto, mesmo nos países ricos, a social-democracia está em crise. Somente, essas colectividades ricas têm capacidade de absorver as suas próprias contradições, e arranjar novas propostas de regime onde as liberdades efectivamente se mantenham.

MV — Por que é que, publicando tão pouco, não apareces mais nos jornais?

JCP — Porque realmente estou muito mais preocupado com aquilo que estou a escrever. Tenho 55 anos, ainda me restam muitas coisas para dizer, e quero contá-las.

MV — Em que é que acreditas neste momento?

JCP — Acabamos de nos salvar de ter um Presidente da República que foi censor e fornecedor de campos de concentração. E isto faz-me crer que, apesar da passividade portuguesa, o passado não voltará com facilidade.

MV — És optimista, pois...

JCP — Nunca se chegará, acredito, aos dias tenebrosos já vividos.

JCP — Sim, não tenho respeito pela gramática.

MV — Que conselhos darias a um futuro escritor?

JCP — Conselhos? Quando muito, posso lembrar-me de duas linhas de experiência, a primeira das quais é esta: não há regras.

MV — Como assim?

JCP — Não há regras. Ou se as há cada um inventa-as para uso próprio. Por exemplo, eu, para mim costume deixar á solta os meus vícios e as minhas obsessões no acto de escrever. É uma regra? Não sei. Sei que assim liberto melhor o meu angulo pessoal, o meu canto privado donde transfiguro o real comum. No fundo o que define o escritor é isso, é descobrir por si próprio novas relações de comportamento.

MV — Apenas isso?

JCP — Também confio nos acasos e surpresas da escrita, é outro ponto a que me agarro. A ficção não é uma organização matemática nem funciona como uma demonstração mais ou menos elíptica. Funciona ocultando e provocando. Costumo dizer que a primeira coisa necessária para escrever é saber gramática, a segunda é esquecê-la. Mas, é claro, todo o escrever se faz num diálogo com ninguém, é um discorrer solto e vigiado ao mesmo tempo. Há uma lógica interna, interna do autor e da própria escrita, que comanda a narrativa e que dá autonomia aos personagens, não achas isso?...

MV — Acontece, é certo.

JCP — E quanto ao tom, á voz, cada um é como cada qual. Eu, pela minha parte tento «escrever no gume da faca», desenvolver a frase naquela linha em que qualquer excesso

para mais ou para menos abra golpe e desequilibre. Em todo o caso prefiro pecar por não ser suficientemente directo a cair no óbvio ou na redundância. O tal risco, não sei se fui claro...

MV — Para mim, sim.

JCP — Outra coisa que me parece essencial é o compromisso que se estabelece quando nos sentamos á escrita. Começa-se a contar porque se acredita, porque se vai fazer qualquer coisa única e jamais dita. Caso contrário não valeria a pena, está visto. Mas o que se escreve vai-se apossando de nós e vamos nos apercebendo do inatingível. Então há que abandonar ou prosseguir. E se prosseguimos é porque confiamos em que, por dentro dessa leitura, há muitas cargas dispersas, muitas insinuações estratificadas que com o tempo tendem a aclarar-se e a impor-se. Isto porque os bons livros são como os bons vinhos, ganham cores e reflexos com o tempo.

MV — Como é que escreves?

JCP — Escrevo sempre dentro do maior isolamento e na maior anarquia. Não tenho horas para escrever, de um modo geral agora escrevo de madrugada, mas escrevo levantando-me, acordando... Levanto-me da cama, começo a escrever, e estou por exemplo, das quatro da manhã até às oito a escrever. Deito-me outra vez, e depois posos começar à tarde... Quer dizer, escrevo sem regra.

MV — E quantas vezes reescreve o que faz?

JCP — Depende... Nunca me sai uma coisa definitiva á primeira nem á segunda vez. De um modo geral, faço versões

diferentes. Este livro que estou a fazer, por exemplo, já tem duas versões, a segunda diferente da primeira.

MV — E O Delfim, por exemplo?

JCP — Teve três versões integradas, e a definitiva totalmente diferente das outras duas.

(Em *E agora, José?* Cardoso Pires escreveu: «Passados quarenta e seis anos sobre o estabelecimento desse compromisso, o declarante, que agora exerce o officio de escritor e se encontra na plenitude dos seus direitos cívicos e políticos, e portanto das prerrogativas ali consignadas, verifica que, embora tenha cumprido todos os deveres que assumiu pela referida declaração de nascimento, nunca a segunda parte contratante, o Estado, respeitou as obrigações a que se comprometeu para com ele.»)

MV — És capaz de te descreveres a ti próprio em poucas palavras?

JCP — É um bocado difícil... Tentei isso num texto de *E agora, José?* Talvez uma pessoa que desconfia muito das suas próprias contradições, e que vive numa esperança desesperada.

MV — Como consegues conciliar isso com o optimismo há pouco apregoadado?

JCP — É que eu não me disse optimista, opus-me foi ao derrotismo.

MV — Não tenho mais perguntas.

Pontuação? Pontua-se como se respira

MV — Tens alguma receita para colocação de pontos e vírgulas?

JCP — Eu acho que não. A pontuação é extremamente arbitrária. Há umas regras que vêm na gramática que se

aprende na quarta classe, e que são arbitrarias como as outras. Pontua-se como se respira.

MV — Obedeces mais à respiração que às regras da gramática.